

A rua, o crime e a sociabilidade escrava na Capital da província de Mato Grosso (1866)

- ANTUTÉRPPIO DIAS PEREIRA<sup>1</sup>

Neste artigo analisaremos as relações de sociabilidades criadas pelos escravos na Capital da Capitania de Mato Grosso através do relato dos envolvidos no furto da Igreja do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, a Matriz, realizada pelo escravo de ganho Salvador e pelo Soldado Pedro Celestino em 1866. O processo crime analisado se encontra no Arquivo Público de Mato Grosso na cidade de Cuiabá. A documentação cartorária específica, pertence ao 2º ofício (Tribunal da Relação), que abriga os processos criminais e as ações de liberdade referentes ao Período Imperial. Os relatos descritos abaixo estão baseados no depoimento do escravo Salvador e do Soldado Pedro Celestino<sup>2</sup>.

Em um dia quente de 16 de julho de 1866, um escravo de ganho, cuja profissão era alfaiate, de propriedade de Manoel Joaquim Teixeira, denominado de Salvador, com 20 anos de idade, filho da também escrava Maria que pertencia ao mesmo dono, de pai ignorado, participava da procissão de Nossa Senhora do Carmo e durante o cortejo pelas ruas tortuosas de Cuiabá encontrou com o Soldado do 5º Batalhão de Artilharia em Pé, Pedro José Celestino<sup>3</sup>, que após uma conversa amigável o convidou a realizar um furto dos adereços da imagem da Santa homenageada. Salvador reluta, amedrontado, lembra ao soldado da impossibilidade de entrar na Igreja Matriz e realizar o “serviço”.

Os dois continuaram a acompanhar a procissão que entra na Igreja Matriz, que foi levantada em 1722, pelo Capitão Mor Jacinto Barbosa Lopes, ou seja desde o início da formação do Arraial do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, esta construção teve lugar de destaque, a sua posição de poder deve ser ressaltada.

---

<sup>1</sup> Antutérpio Dias Pereira, é aluno do Doutorado do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal da Grande Dourados – PPGH/UFGD.

<sup>2</sup> Tribunal da Relação – 2º Ofício, Processo 278/1866, Caixa 12 – Arquivo Público de Mato Grosso. APMT

<sup>3</sup> Tribunal da Relação – 2º Ofício, Processo 278/1866, Caixa 12 – Arquivo Público de Mato Grosso. APMT

A Igreja do Senhor Bom Jesus de Cuiabá (Matriz) competia a tarefa de redefinir os espaços que estavam à sua volta, a cadeia, a Câmara, o palácio do governo, dada a sua importância ditada pelo tempo e pela fé, era a fonte emanadora do poder espiritual na região, referencial de luzes e estava para ser furtada.

O escravo Salvador e o soldado Pedro Celestino após o término da procissão foram a Rua da Boa Morte na casa de João Batista, onde arranjaram um pouco de aguardente. Provavelmente nesta casa funcionava uma taverna que vendia bebidas, ou melhor, aguardente pura ou “batizada” (misturada com raízes ou folhas), que era uma poderosa arma para nivelar as diferenças sociais e aproximar os brancos e negros livres e escravos na cidade de Cuiabá em 1865, “De um número de 330 casas comerciais recenseadas em 1865, praticamente 55% desse total era representada por tavernas”. (Machado, 2006: 39)

Depois de saírem da casa de João Batista, bêbados, corajosos e prontos para enfrentarem o mundo, passam em frente da Igreja Matriz e percebem que uma das janelas da sacristia estava com a fachada aberta. Encorajados pelo álcool e premiados pela sorte. O soldado Pedro Celestino tenta passar pelas grades mas não consegue. Porém, o escravo salvador, por ser mais magro, consegue entrar no interior da Igreja e subindo ao altar- mor retirou o resplendor da cabeça do Senhor Deus Menino e a Coroa da cabeça de Nossa Senhora do Carmo, ambas peças de ouro. Ele pega também algumas velas e restos de ceras, sobe até o coreto e retira 5(cinco) candelabros de louça de cor vermelha.

Enquanto Salvador furtava a Igreja, Pedro Celestino ficava vigiando e recebendo as mercadorias surripiadas pelo seu comparsa. O soldado estava se aproveitando da falta de iluminação pública que devido aos poucos recursos do Governo Provincial Matogrossense somente foi implantada no Período Republicano.

No dia 17 de julho de 1866 os dois foram a São Gonçalo de Pedro Segundo e venderam, ou melhor, trocaram as velas e ceras por galinhas e galos produto este que foi

repartido entre os dois. O resplendor e a coroa ficaram aos cuidados de Salvador, que os despedaçou para não serem reconhecidos e facilitar a venda.

Para realizar a venda do ouro, o escravo Salvador, procurou várias pessoas, dentre elas podemos citar José Ferreira Velho, 29 anos, morador de Cuiabá, na rua do Cemitério Público, solteiro, homem que “vive de suas agências”, analfabeto, na sua casa oferecendo diferentes pedaços de ouro de um globo também de ouro, pesando tudo seis oitavas e três quartos pela quantia de 18\$000 (dezoito mil réis), quantia esta que foi entregue a Salvador. Ou seja, ele usa da sua rede de solidariedade para vender o produto do furto.

Salvador procurou também, Gervásio Rodrigues, de 25 anos de idade, solteiro, morador em Cuiabá, soldado do 3º Corpo da Guarda da Província, na sua casa em São Gonçalo Velho, e lhe oferece uns pedaços de ouro e uma coroa que foi comprado por ele por 16\$000 (dezesseis mil réis).

Se analisarmos neste momento os dois compradores de ouro podemos ver que ambos tinham um relacionamento com Salvador, por isso foram procurados por ele. Nos depoimentos eles alegam desconhecimento do furto e que não reconheceram o ouro como sendo das imagens santas. O escravo Salvador usa da sua rede de amigos para sobreviver e até mesmo juntar um pecúlio para comprar a sua liberdade. Mas será que este era mesmo a sua idéia? Será que estamos romantizando a história? Ou idealizando o simples furto? Mas porque ele procurou justamente estas pessoas? E não outras?

Continuando a sua trajetória de comerciante de ouro por Cuiabá, no dia 22 de julho Salvador vai a casa do Oficial de Ourives, José de Arruda e Silva, 35 anos, casado, morador na Rua Bela do Juiz, e encomenda-lhe um par de brincos grandes, para o que lhe dava uma porção de ouro velho, que foi buscar.

O Escravo salvador procura o ourives para lhe encomendar um par de brincos grandes. Provavelmente para presentear alguma futura pretendente alargando ainda mais as suas redes de sociabilidade e forjando o que podemos chamar uma futura rede de solidariedade. Ao ser amante dos prazeres “etílicos e do belo sexo” ele demonstra que estava inserido na sociedade e percebia que a liberdade estava vinculada a ter dinheiro que

podia lhe abrir as portas do coração de uma mulher. Será que amor e liberdade não seriam as grandes motivações para o furto?

Quando o escravo voltou com o ouro não encontrou o ourives apenas a sua esposa Ana Francisca do Carmo (Ana Pedrosa) de 45 anos, e lhe ofereceu uns pedaços de ouro que logo foram reconhecidos por Ana como parte do resplendor do Senhor Menino Deus e parte da Coroa de Nossa Senhora do Carmo. Ela começou a gritar por socorro, ladrão e o mesmo se pôs a correr, sendo preso logo em seguida por dois soldados do 5º Batalhão de Artilharia a Pé, seu comparsa Pedro Celestino conseguiu fugir. Mas foi preso três dias depois.

O soldado do 5º Batalhão de Artilharia a Pé, Pedro José Celestino, de 30 anos de idade, filho legítimo de Francisco Dias da Fonseca e de Maria Francisca Cardozo, analfabeto, no depoimento negou a sua participação no furto da Matriz, jogando toda a culpa sobre o Escravo Salvador. Porém, não negou que conhecia o escravo, confirmou que o acompanhou a casa de Ana Pedrosa e que viu ele oferecer os objetos de ouro a mesma. Mas, não se recordava que tinha ido com o escravo na rua da Boa Morte, em uma Taverna, de um tal Luis que morava atrás do cemitério Público. Relatou que nesta ocasião viu Salvador oferecer ao taverneiro um pouco de ouro, mas não sabia precisar se era em pó, ou em pedaços que foi comprado por 2\$000 (dois mil réis). Ao ser questionado sobre a sua fuga em desabalada carreira da casa de Ana Pedrosa, respondeu que apenas se retirou para a Fabrica de Pólvora, local onde estava destacado, e de lá só saiu, quando o cabo Berlamino foi lhe buscar.

O escravo Salvador, de propriedade de Manoel Joaquim Teixeira, foi condenado a 150 açoites, a andar por 6 meses com um ferro no pescoço e a pagar as custas processuais no valor de 92\$000 (noventa e dois mil réis). O soldado Pedro José Celestino foi absolvido pelo júri por falta de provas.

Cuiabá era, na década de 1860, uma pequena e atrasada capital da província do Brasil Imperial com uma população decrescente, segundo Peraro (2001) no ano de 1862 tinha 37.538 habitantes e em 1867 tinha 30.117 habitantes. Por ser a sede do Governo a

cidade abrigava na parte central, no primeiro distrito ou Freguesia da Sé, os principais sobrados de ricos senhores e os prédios onde se aglomeravam a Câmara Municipal, a cadeia, a Matriz, a Tesouraria Provincial, o Correio, o Comando da armas, a Repartição da Polícia e o Palácio Presidencial.

A população pobre construía as suas moradias em um pequeno vale à margem direita do Córrego da Prainha, seguindo o córrego em direção ao rio Cuiabá, onde se localiza o Segundo Distrito a Freguesia de São Gonçalo de Pedro Segundo<sup>4</sup>.

O Primeiro Distrito é também conhecido como Freguesia da Sé, o local onde se tem registrado as maiores ocorrências criminais na Cuiabá do oitocentos, conforme quadro 1, abaixo,<sup>5</sup>

Quadro 1. Mapa do crime em Cuiabá 1835-1888- referente a 98 documentos (processos crimes e documentos avulsos).				
Geografia do crime em Cuiabá	1. Primeiro Distrito (Sé)	48	50.0 %	-
	2. Segundo Distrito (Porto)	25	25,51%	-
	Zona Rural	22	22,45%	-
	NI	01	2.04%	-

Fonte: Tribunal da Relação/ Processos crimes e Documentos avulsos Arquivo Publico de Mato Grosso- APMT<sup>6</sup>

<sup>4</sup> São Gonçalo pertence, atualmente, ao município de Cuiabá e localiza-se ao sul da capital, na margem esquerda do Rio Cuiabá e foi até o início do século XX, conhecido como São Gonçalo Velho, pertencente a Freguesia de Pedro Segundo. Ver KERCHE, Neusa Maria Erthal. Comunidade São Gonçalo: História, lendas e tradições. Cuiabá, Editora Centro América, 2004.

<sup>5</sup> Os demais dados referentes aos crimes pesquisados serão trabalhados no terceiro capítulo.

<sup>6</sup> Para a montagem deste quadro utilizamos 54 processos crimes que envolvem escravos, negros livres e forros documentação essa pertencente ao Arquivo Público de Mato Grosso. Utilizamos também da mesma

Os crimes registrados eram cometidos majoritariamente no Primeiro Distrito (Freguesia da Sé), 43,85%, em segundo lugar vem o Segundo Distrito (o Porto) com 28,5%, porém, 22,45% deles ocorreram na Zona Rural, distribuídos pelas freguesias rurais pertencentes ao Termo de Cuiabá. Podemos analisar esses dados sob dois aspectos em primeiro lugar, que a concentração populacional na cidade atraía para a região pessoas de todos os níveis sociais, intensificando os relacionamentos, as solidariedades, os conflitos, as tensões pessoais e sociais. Em segundo lugar as freguesias rurais se viam obrigadas tinham que remeter os seus processos para a sede em Cuiabá, o que muitas vezes tornava morosa a solução dos crimes, o que aumentava a sensação de impunidade.

Em Cuiabá, no dia 5 de maio de 1886, na Rua da Boa Morte, próximo do bairro da “mandioca”<sup>7</sup>, no Primeiro Distrito da Capital, os escravos Victoriano e Vicente, escravos de ganho, o primeiro pedreiro e o segundo carpinteiro, pertencente ao capitão Delfino Nonato Faria, se envolveram em uma briga, com o liberto Domingos devido a uma antiga rixa existente entre Victoriano e o liberto, iniciada no mês anterior quando ambos disputavam o amor de uma meretriz no Beco Quente. O escravo levou a melhor e o liberto jurou mata-lo. Quando se encontraram na Rua iniciou-se o conflito sendo que Victoriano foi ajudado por Vicente e causaram graves ferimentos no liberto Domingos. Apenas o Victoriano foi preso e o seu advogado entra com um pedido de habeas Corpus alegando que não houve flagrante e o Acordão nega em vista das informações do Juiz de Direito que qualifica o réu como uma pessoa perigosa.

Rua da Boa Morte, Rua do Campo Grande, Rua de Cima, de Baixo e do Meio, Beco Quente, Beco Sujo, Beco do Candieiro, são ruas que aparecem nos processos crimes e relatórios dos chefes de polícia como locais onde ocorriam vários delitos e eram percorridos por escravos como Victoriano e o liberto Domingos que se desentenderam no

---

instituição, a série documentos avulsos que é constituída de relatórios dos chefes de policias, dos juízes de paz e dos juízes de direito que eram enviados periodicamente para o Presidente da Província, totalizando 42 documentos. Realizamos esta junção porque os processos crimes no que se refere a periodização para montagem de quadros estatísticos são fragmentados e escassos e grande parte dos crimes não se transformam em processos.

<sup>7</sup> Tribunal da Relação – Processo Crime 486 /1886/ Caixa 24A – Arquivo Público de Mato Grosso.

Beco Quente, provavelmente em uma Taverna que servia como casa de prostituição, e resolveram suas diferenças na rua da Boa Morte. Sendo que o escravo estava acompanhado por Vicente e foi ajudado por ele nesta peleja. Neste caso, as relações de solidariedade que foram firmadas no cativo entre os dois escravos (Victoriano e Vicente), serviram para que os dois se unissem na hora de brigar com o liberto Domingos.

Tomando alguns cenários de Cuiabá, a rua, os pontos de água, chafarizes e os batuques como referência para demonstrarmos a existência de territórios negros em Cuiabá que acaba se constituindo em uma “cidade dentro da outra”. Pois entendemos a cidade como múltipla, plural e ao mesmo tempo singular, dentro de suas especificidades. Este território que aparece implicitamente nos documentos, explode nas ruas através de atos de violência que para os espectadores não tem motivo aparente.

No Primeiro Distrito, a Sé, as ruas do Meio, das Pretas, o beco Torto, o beco do Candieiro, a rua de Cima, a de Baixo e a rua Bela do Juiz (caminho que vai para o Porto), são nomenclaturas da época colonial, registro de um passado que ficou gravado na memória cultural da população cuiabana que continuou a chamar as ruas e os becos pelos antigos nomes porque determinados lugares estavam relacionados à noção de cultura e identidade territorial, uma vez que a produção do espaço é resultado da ação de homens e mulheres agindo sobre o próprio espaço. Para Alberto Heráclito Ferreira Filho:

*“A rua, constantemente desprestigiada por encarnar a metáfora de todos os vícios, transforma-se no lugar dos excluídos... Nessa desordenada paisagem urbana, hierarquias sociais foram se sedimentando: pobres e pretos, homens e mulheres, livres, libertos e cativos, mendigos e vadios, conheciam e construíam os seus lugares na geografia da cidade, reconhecendo-se e diferenciando-se mutuamente, através de uma complexa teia de distinções e diferenciações que regulava a gramática urbana” (FERREIRA:239-256)*

Na cidade, os escravos de ganho e os libertos exerciam atividades as mais diversas que possibilitava, de um lado, a conquista da liberdade e de outro, o anonimato. Na dinâmica da urbanização, os bairros negros, como o da Mandioca e do Bahú<sup>8</sup> por exemplo são lugares nos quais a população negra desenvolve estratégias de sobrevivência e

---

<sup>8</sup> Nestes dois Bairros, há várias referências a Batuques e brinquedos realizados pela população.

afirmação de uma identidade como os batuques ou “brinquedos”<sup>9</sup> e reconfiguram a geografia da cidade ao criar caminhos e ruas em Cuiabá, como a “rua das pretas” onde as negras passavam para lavar roupa no tanque da Prainha.

O poder constituído procurou nomear as suas ruas em homenagem aos heróis nacionais e locais. Porém, o povo criou a sua própria nomenclatura para designar as ruas de Cuiabá, geralmente o nome popular estava vinculado as suas características físicas, geográficas, culturais e históricas: Rua de Baixo, Rua de Cima, rua do Meio, Rua da Boa Morte, rua do Cemitério Público, Beco Sujo, Beco Quente, Beco do Candeeiro, Beco Torto, Beco da Botica e a Rua da Bela do Juiz, que será destacada neste texto, que abrigava em sua parte central as residências mais elegantes e começava no Largo da Matriz e rumava em direção ao distrito de São Gonçalo de Pedro Segundo.

A análise das ruas de Cuiabá é importante porque a documentação trabalhada nos mostrou que era nestas ruas, becos e largos que se planejavam os crimes, principalmente os roubos. Para Maria Estela Rocha Ramos os centros urbanos eram ocupados pela população negra, seja na condição jurídica de “escravizados de ganho” ou na condição de livres e libertos. Nestes centros eles realizavam atividades tipicamente urbanas como os recolhedores de detritos, carregadores d’água ou aguadeiros, carregadores de cadeira ou liteiros, tropeiros, lenheiros, carvoeiros, oleiros, carpinteiros, funileiros, caldeireiros, construtores, remadores, marinheiros, pescadores, vendedores(as) de pescados, construtores de embarcações, carroças e carruagens, lavadeiras, engomadeiras, quitandeiras, quituteiras ou ganhadeiras, vendedoras de tecidos, costureiras, artesãos, tecelões, marceneiros, sapateiros, chapeleiros, alfaiates, modistas, escultores, ourives, músicos.

A rua na Cuiabá do século XIX foi um dos mais importantes territórios negros, porque qualquer coisa que fosse carregada, o era feito por um ou vários escravos. Da água

---

<sup>9</sup> Batuque é uma dança de origem africana, no qual o cavalheiro, geralmente em uma roda, tira a dama para dançar, e após requebros e maneios do corpo, terminando com uma forte umbigada. Ele se retira e a dama fica dançando sozinha e ela tira um outro cavaleiro para dançar repetindo os mesmos passos. In PÓVOAS, Lenine C. História da cultura Mato-grossense. Cuiabá, 1982. P 116



nos poços, chafarizes e tanques aos dejetos levados nos rios e para o porto, passando por toda sorte de mercadorias nos mercados.

A chamada elite local, segundo Machado (2006), pequena em números, mas poderosa em relação à população de livres pobres, libertos e escravos, compunha-se de comerciantes bem arranjados, de importadores exportadores bem sucedidos e de grandes proprietários de terras e de escravos, possuir 20 ou mais escravos representava um sinal evidente de riqueza.

Havia um seguimento médio formado por oficiais militares, médicos, dentistas, advogados, magistrados, chefes de polícia, promotores e membros do clero. No último segmento estavam os livres pobres e escravos. Grande parte deles não possuía profissão declarada e provavelmente sobreviviam de trabalhos temporários.

Percebemos que os processos sócio históricos devem ser analisados em escalas reduzidas, não apenas por causa dos efeitos que produzem, mas porque não podem ser compreendidos a não ser que os consideremos, de forma não linear, como o resultado de uma multiplicidade de determinações, de projetos, de obrigações, de estratégias e de táticas de sobrevivências e quiçá resistências individuais e coletivas de escravos e negros livres.

Esta história nos mostra que uma visão simplista das formas básicas de relacionamento na sociedade escravista, não pode mais ser sintetizada em uma dicotomia muito enraizada na cultura brasileira. Explicando a complexa realidade dos escravos a partir de dois pontos de vista: o escravo dócil e o escravo rebelde ou “De um lado, Zumbi dos Palmares, a Ira Sagrada, o treme-terra; de outro o Pai João, a submissão conformada.”

E muito menos propor que os escravos se auto representavam como seres incapazes de ação autônoma ou seja, os negros seriam incapazes de produzir valores e normas próprias que orientassem a sua conduta social. Salvador é a prova de que os escravos eram articulados com a sociedade na qual estavam inseridos. O furto não foi programado, mas a venda sim. Ele sabia para quem vender, ele conhecia as pessoas que podiam comprar a sua mercadoria.

Com Jacob Gorender, a teoria do escravo coisa tem prosseguimento ao defender a idéia de que o “oprimido pode chegar a ver-se qual a vê o seu opressor e o primeiro ato humano do escravo é o crime, desde o atentado contra o seu senhor à fuga do cativoiro”. Os negros oscilariam entre a passividade e a rebeldia e a única forma de negarem a coisificação social era o inconformismo. Salvador era inconformado? Diria que é um sobrevivente, que fará de tudo para sobreviver na sociedade escravocrata. Porque não fugiu com o ouro? Porque preferiu recorrer a sua rede de sociabilidade (amizade, conhecidos) para vender o ouro da igreja Matriz?

São muitas as perguntas e múltiplas as respostas e nem sempre muito precisas, foram 3 séculos de cativoiros, alforrias durante as quais as relações sociais jamais se estratificaram, ao contrário evoluíram numa conjuntura dialética e desigual.

A escravidão não transforma os negros, segundo Sidney Chaloub, em seres “incapazes de ação autônoma”; nem em passivos receptores de valores senhoriais e muito menos em rebeldes heróicos e indomáveis. Na construção e manutenção de suas estratégias de resistências, os escravos, alforriados criaram uma singular astúcia pessoal na exploração das brechas do poder escravocrata. Eles sabiam manipular as cartas certas no trato com os brancos. Para André Rosemberg os libertos tinham mais chance de explorar as várias possibilidades nesta negociação velada. Enquanto que cotidianamente para Maria Cristina Wissembach, os escravos e libertos, tiveram que sobreviver e improvisar respostas compatíveis à sua luta diária contra a escravidão. Transformando os mecanismos da discriminação, da segregação, da falta de recursos e da ausência de instituições que lhes amparassem, num árduo aprendizado da experiência da liberdade. Deixar de ser escravo não era garantia de ser livre, a liberdade tinha que ser assegurada a cada dia, através da luta em todos os sentidos.

As relações de sociabilidade entre os escravos e libertos e os brancos se estabelecem em função, sobretudo, da identidade cultural entre eles. Elas podem acontecer em situação de extrema desigualdade social e econômica ao analisarmos a situação do soldado Pedro Celestino e do escravo Salvador ambos são pobres e estão nos mais baixos estamentos sociais.

Referência Bibliográfica

ALYSSON, Luiz Freitas de Jesus. **No sertão das Minas: violência e liberdade 1830-1888**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fapemig, 2007. P 28

AZEVEDO, Elciene. **Orfeu de Carapinha. A trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo**. Campinas- SP, Editora da Unicamp, Cecult, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril. Cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade: uma historia das ultimas décadas da escravidão na corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999

FRANCISCO, Raquel Pereira. **Laços da Senzala, Arranjos da Flor de Maio: relações familiares e de parentescos entre a população escrava e liberta de Juiz de Fora (1870-1900)**. Niterói. PPGH. Universidade Federal Fluminense – ICHS. Dissertação de Mestrado. DEPTO de Historia, 2007

GINZBURG, Carlo. **A micro-historia e outros ensaios**. Lisboa: DIFEL, 1989

GINZBURG. Carlo. **O queijo e os vermes - o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo, Cia. das Letras, 1987.

GUEDES, Roberto. **Egressos do cativeiro: trabalho, família, aliança e mobilidade social**. Porto Feliz /São Paulo 1798-1850. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2008. P 183

JESUS, Nauk Maria. **Saúde e Doença: Práticas de Curas no Centro da América do Sul (1727 a 1808)**. Cuiabá – MT. PPGH-UFMT. Dissertação de mestrado. mimeo

LIMA, Henrique Spada. **A micro historia italiana: escalas, indícios e singularidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MACHADO FILHO, Oswaldo. **Ilegalismos e jogos de poder: um crime célebre em Cuiabá (1872), suas verdades jurídicas e outras histórias policiais**. Cuiabá – MT: Carlini & Carniato: EdUFMT, 2006

MACHADO, Maria Helena P.T. **O Plano e o Pânico: Movimentos sociais na Década da Abolição**. 2.ed. rev. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

MATOS, Hebe M. & RIOS, Ana L. **Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005

MENDONÇA, José Maria Nunes. **Entre a mão e os anéis – a Lei dos Sexagenários e os**

**REIS, J. J. Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês na Bahia em 1835**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

REIS, João J. & SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito: a resistência negro no Brasil escravista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ROSA, Carlos Alberto. **A Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá (vida urbana em Mato Grosso no século XVIII: 1722-1808)**. Síntese Instrumental da Tese de Doutorado. Cuiabá, 1998; mimeo

ROSEMBERG, André. **Ordem e burla: processos sociais, escravidão e justiça, Santos na década de 1880**. São Paulo: Alameda, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em Branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças; cientistas, instituições e questões raciais no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

SENA, Ernesto Cerveira. **Entre arnarquizadores e pessoas de costumes: a dinâmica política e o ideário civilizatório de Mato Grosso (1834-1870)**. Brasília: PPGH/ Universidade de Brasília. 2006 (Tese de doutorado).

SLENES, Robert W. **“Lares negros, olhares brancos: histórias das famílias escrava no século XIX”** in Revista Brasileira de Historia. Mar/Ago. 1988. V. 8, nº 10, p 96-166. Mimeo

SLENES, Robert W. **Na Senzala, uma flor. Esperanças e recordações na formação da família escrava - Brasil Sudeste, século XIX.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

TAVARES, Valdiva de Matos. **A mulher escrava em Cuiabá: espaços de visibilidade e de subordinação 1870 - 1888.** Cuiabá. Especialização em Metodologia da História UFMT. Mimeo.

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. **Cativos do sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá – 1850 a 1888.** Cuiabá – MT. Marco Zero/EdUFMT, 1993

WISSEMBACH, Maria Cristina C. **Sonhos Africanos, Vivências Ladinhas. Escravos e Forros no Município de São Paulo, 1850 -1880.** 2ª Ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 2009.